

Respeitar os animais

Respeitar os animais...
...significa tornar-se vegano

O que é vegano?

Vegano é quem se abstém de usar e consumir animais e produtos de origem animal para qualquer finalidade, inclusive comida, vestuário e entretenimento.

O argumento em poucas palavras

Embora a maioria das pessoas acredite que os animais não deveriam ser prejudicados sem necessidade, elas se comportam de um jeito que contradiz essa crença.¹ Tornar-se vegano (ou vegana) é a única maneira de uma pessoa resolver essa contradição.

Prejudicar sem necessidade

Assim como a maioria das pessoas, você acredita que seria errado alguém mutilar ou matar um gato só porque está zangado. Você também ficaria revoltado se uma pessoa queimasse um cão só para se divertir. Em termos gerais, você concorda que como é desnecessário prejudicar esses animais desses dois modos, as ações acima não se justificam.² E se você acredita que é errado prejudicar animais como gatos ou cães sem um bom motivo, você já acredita em algo que o leva a se tornar vegano.

O que é isso?

Sua crença de que é injustificável prejudicar gatos e cães desses dois modos se deve à sua consciência de que eles são seres sencientes—isto é, seres que sentem prazer e dor, e têm interesse em evitar sofrimento e continuar vivos. Como a maioria das pessoas, você concorda que o interesse desses animais em não ser prejudicados não deveria ser ignorado só para satisfazermos nossos interesses comparativamente triviais (como nosso interesse em ter prazer).

Essa crença nos leva a ser veganos por causa destas três ideias juntas:

1. Não há nenhuma diferença moralmente significativa entre cães e gatos e outros animais.

Você concorda que é errado prejudicar um gato ou um cão sem um bom motivo porque você reconhece que eles são seres sencientes cujo interesse em não ser prejudicados não deveria ser ignorado só para

satisfazermos nossos interesses triviais. Essa mesma lógica se aplica, igualmente, a todos os seres sencientes, incluindo vacas, porcos, aves e peixes, que também têm interesse em não ser prejudicados. Então, sua crença a respeito dos cães e gatos realmente obriga você a evitar prejudicar qualquer animal senciente para a mera finalidade da conveniência ou do prazer.

2. Usar e consumir animais e produtos de origem animal prejudicam os animais.

Salvo em circunstâncias absolutamente extraordinárias, não existe a possibilidade de os animais serem usados pelos humanos sem ser prejudicados. Um exemplo (apenas um dentre muitos) vai ajudar a deixar esta questão clara.

Para produzir leite de vaca para o consumo humano, o procedimento padrão é inseminar artificialmente as vacas, mantendo-as grávidas e lactantes tão continuamente quanto possível.³ Com mais ou menos 24 horas de vida, os bezerros são separados de suas mães,⁴ uma experiência traumatizante tanto para as vacas quanto para seus filhos.⁵ A cada ano, quase um milhão de bezerros são abatidos para produzir carne de vitela,⁶ com a idade de 3 a 18 semanas. Após 5 anos em média, ou 3 lactações,⁸ suas mães deixam de produzir leite em quantidade suficiente para ser consideradas lucrativas. “Gastas”,⁹ quase todas são abatidas para consumo,¹⁰ durando 10-15 anos a menos do que duraria uma vaca sadia.¹¹ Prejudicar os animais, como se faz nesses casos, é essencialmente inevitável quando os usamos para nossos próprios fins.

3. Usar e consumir animais e produtos de origem animal servem somente a nossos interesses triviais.

Para que usar e consumir animais faça mais do que servir aos nossos interesses triviais, é preciso que tenhamos alguma necessidade de usá-los e consumi-los. Por exemplo, do ponto de vista da saúde, deve ser necessário consumir animais ou produtos animais. Mas simplesmente não é o caso.

A American Dietetic Association (Associação Dietética Americana) declara que as dietas veganas corretamente planejadas são “saudáveis, adequadas em termos nutricionais e podem trazer benefícios à saúde na prevenção e no tratamento de certas doenças.”¹² Os humanos simplesmente não precisam usar ou consumir animais. Assim sendo, ao usar e consumir animais, estamos servindo a interesses que podem ser definidos, com toda justiça, como triviais (como o interesse de sentir prazer).

Esses três fatos juntos revelam que a crença básica que compartilhamos a respeito dos animais nos leva a nos tornar veganos. Usar e consumir animais e produtos de origem animal prejudicam os animais para a mera satisfação de nossos interesses triviais. Se concordamos que prejudicar os animais para atender nossos interesses triviais é errado, então devemos procurar abolir nosso uso e nosso consumo de animais para comida, vestuário e entretenimento.¹³

Espera aí. E quanto às reformas, ao tratamento compassivo ou “humanitário” e ao vegetarianismo?

Será que ignoramos alguma opção que deixe nosso comportamento alinhado com nossas crenças, sem exigir que nos tornemos veganos? Por que não fazer uma reforma no modo como os animais são usados, garantindo que eles sejam tratados de modo compassivo ou “humanitário”? E quanto à alternativa do vegetarianismo?

Essas opções são inadequadas por muitas razões.

Reformas e produtos animais produzidos de modo “humanitário”

Como os animais são considerados propriedade humana, as reformas institucionais (p. ex., aquelas feitas pelas corporações) são incapazes de oferecer uma proteção significativa aos interesses dos animais. Isso acontece porque qualquer tentativa de assegurar que os interesses dos animais sejam mais protegidos precisa procurar equilibrar esses interesses com os interesses econômicos e institucionais de seus proprietários humanos. Dentro de um sistema em que os animais são propriedade humana, até mesmo seus interesses mais importantes podem ser (e são) descartados diante dos interesses, comparativamente triviais, que os humanos têm no lucro e na eficiência. Tentar “equilibrar” os interesses de um item de propriedade com os interesses do proprietário é como tentar dar as cartas conforme as regras, mas usando cartas marcadas—é simplesmente impossível, porque os mecanismos são fundamentalmente injustos.

Demonstrando esse ponto há muitos anos, a pesquisa do professor Gary L. Francione¹⁴ esclareceu que como os animais são propriedade humana, as únicas reformas institucionais adotadas são aquelas que permitem que os proprietários continuem explorando os animais de maneira economicamente eficiente. Conforme coloca o módulo de Treinamento para a Inspeção do Abate de Rebanhos da USDA de 2005: “Antes [da aprovação da Lei dos Métodos de Abate Humanitário de Rebanhos] de 1958, não havia nenhuma lei nos Estados Unidos que regesse práticas humanitárias de abate. A maior parte da indústria da carne reconheceu os benefícios das práticas humanitárias de abate e seu uso foi largamente aceito. O motivo principal é que havia incentivos econômicos; o tratamento humanitário geralmente resultava em menos contusões e, portanto, menos necessidade de remover defeitos da carcaça”.¹⁵

“Na área de abate do matadouro, alguns porcos vinham me cheirar como se fossem cachorrinhos. Dois minutos depois, eu tinha de matá-los—tinha de bater neles com um cano até matá-los. Não posso me importar com eles”. Ed Van Winkle, empregado de um matadouro (Gail A. Eisnitz, *Slaughterhouse*)

A Lei do Abate Humanitário de 1978 acrescentou mais algumas exigências para o manejo dos animais: “os animais fracos que estiverem caídos no chão não podem ser arrastados enquanto estiverem conscientes; não são permitidas retaliações físicas contra os animais por parte dos funcionários; deve haver água para os animais o tempo todo; e a voltagem dos bastões elétricos de cutucar vacas que estiverem conectados à corrente alternada da casa deve ser reduzida por um transformador à menor voltagem efetiva de forma que não exceda 50 volts”.¹⁶ Fora o fato de essas exigências serem rotineiramente ignoradas, conforme provaram vídeos amplamente disponíveis na internet, esses ajustes menores da lei ainda beneficiam principalmente aqueles que ganham com animais não danificados pelo manejo. Por exemplo, bater num porco ou numa vaca, ou arrastá-los, aumenta a probabilidade de causar contusões nas carcaças e piorar a qualidade da carne, a qual é a principal preocupação, para começo de conversa.

Nenhum projeto-de-lei federal destinado a proteger os animais nas indústrias das carnes, ovos e laticínios chegou a ser discutido na Câmara ou no Senado, em quase 30 anos. Até hoje, apesar de uma ampla tentativa feita por ativistas para influenciar as decisões legislativas, a Lei do Abate Humanitário deixa imunes os abates Kosher e Halal, e não fornece nenhuma regulamentação para o abate de galinhas, perus, peixes e coelhos, o que significa que mais de 99% dos animais usados para comida nos Estados Unidos não são sequer cobertos.¹⁷

E mesmo se eles *fossem* cobertos, a Lei não reconhece o interesse que eles têm em continuar existindo. Ela só pretende prevenir um sofrimento que vá além daquele envolvido numa prática-padrão da indústria, o que “resulta em condições de trabalho melhores e mais seguras para as pessoas que se ocupam da indústria do abate; acarreta uma melhora dos produtos e mais economia nas atividades de abate; e traz outros benefícios a produtores, processadores e consumidores, o que tende a agilizar um fluxo bem organizado de rebanhos e produtos oriundos de rebanhos, no comércio interestadual e estrangeiro”.¹⁸

As campanhas recentes por reformas “humanitárias” apenas perpetuam esses fracassos. Por exemplo, as campanhas pela produção de ovos de galinhas “livres de gaiolas” procuram uma mera redução no sofrimento das galinhas poedeiras, pedindo que elas sejam retiradas do confinamento intensivo das “gaiolas de bateria”. Tais campanhas têm focado principalmente, por exemplo, na capacidade da galinha de abrir suas asas. Mas os ovos de aves “livres de

gaiolas” continuam sendo produzidos por aves cujos bicos são amputados até quase pela metade, sem anestesia.¹⁹

“O valor da vida de um ser senciente não se mede pela sua utilidade para os outros, mas pelo seu imenso, insubstituível valor para o ser a quem ela pertence.” Joanna Lucas (santuário de animais Peaceful Prairie)

As galinhas poedeiras, embora “livres” das gaiolas de bateria, não estão nada livres: normalmente elas são enfiadas em enormes galpões onde ficam espremidas entre outras dezenas de milhares de aves,²⁰ vivendo sobre o próprio estrume²¹ e vitimadas por uma variedade de dolorosas doenças relacionadas à postura de ovos intensiva e ao confinamento,²² e até pelo canibalismo.²³

Embora as galinhas sadias possam viver pelo menos 5 anos,²⁴ mesmo as poedeiras que são criadas “livres de gaiolas” ficam “gastas” após um ano de postura, com a idade de 12 a 18 meses, quando então são abatidas para ser aproveitadas em comidas processadas.²⁵ E o que acontece com os pintinhos machos, na indústria de ovos? Como eles não foram criados para produzir carne e são incapazes de botar ovos, quase 300 milhões de pintinhos machos²⁶ são moídos vivos, ou mortos com gás, ou eletrocutados ou sufocados, a cada ano.^{27,28}

Os exemplos poderiam continuar e há muitos outros como esse, mas a questão está clara: as campanhas pelas chamadas reformas “humanitárias” não resultaram em uma proteção significativa ao interesse que os animais têm em não ser prejudicados. Na realidade, enquanto os animais forem considerados propriedade, não dá para ser aprovada nenhuma reforma que proteja significativamente os interesses dos animais.

As reformas “humanitárias” fixam firmemente os animais na condição de propriedade ao legitimarem seu uso, ao beneficiarem economicamente as pessoas que os exploram, e ao contribuírem para que o público se sinta mais à vontade quanto a usá-los e consumi-los. Tudo isso impede a abolição da exploração institucionalizada dos animais.²⁹

Devemos também ter sempre em mente uma questão muito mais importante: usar e matar animais para nosso próprio benefício é sempre um dano para eles. E como o interesse dos animais em não ser prejudicados é muito mais significativo do que nosso interesse em usá-los para o nosso próprio prazer, nós nunca devemos usá-los, não importa quão “compassivo” ou “humanitário” tentemos tornar o processo.

Vegetarianismo

Pode parecer que o vegetarianismo é uma solução adequada, mas não é. Como vimos, tanto a produção de leite quanto a de ovos prejudicam diretamente os

animais. E conforme foi estabelecido, as únicas razões para o uso de ovos e laticínios são baseadas em conveniência e prazer.

Fazendo a mudança

É importante não esquecermos que nossa crença de que é errado prejudicar os animais sem necessidade não requer simplesmente que diminuamos seu sofrimento. Conforme ficou demonstrado pela nossa aversão às pessoas que machucam os animais para sentir prazer, nós acreditamos que jamais deveríamos prejudicar um animal simplesmente para satisfazer nossos interesses triviais. Como usar e consumir produtos animais prejudica os animais, e como isso é desnecessário, é necessário que nos tornemos veganos.

Tornar-se vegano deixará suas ações alinhadas com suas crenças—você passará a viver de acordo com sua crença de que é errado causar dano a um ser senciente sem justificativa. Mais importante ainda, você desempenhará um papel direto na abolição da exploração animal e nos esforços visando assegurar que nenhum ser senciente seja prejudicado simplesmente para satisfazer nossos interesses triviais.

Este folheto foi produzido e fornecido pela Boston Vegan Association, um programa do International Humanities Center.

Este panfleto faz uso das ideias apresentadas no livro *Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog?*, do professor Gary L. Francione, *Distinguished Professor* de Direito e *Nicholas deB. Katzenbach Scholar* de Direito & Filosofia na Rutgers School of Law-Newark. Sugerimos a leitura de *Introduction to Animal Rights* para uma discussão mais aprofundada dessas ideias, juntamente com outros argumentos relacionados. O professor Francione também escreve no blog abolitionistapproach.com, que inclui traduções para o português e outros idiomas.

Este trabalho está licenciado sob: Creative Commons - Atribuição - Uso não-comercial – Obras não-derivativas 3.0 United States License. Para ver uma cópia da licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/us/>.

1. Ver, em geral, Francione. *Introduction to Animal Rights*, Chapter 1. Philadelphia: Temple University Press, 2000.
2. Ibid., pp. 4-5.
3. Looper, "When Should Dairy Cows Be Inseminated?" Cooperative Extension Service, Guide B-117, New Mexico State University (May 2000)
4. Jones and Heinrichs (2008) "Highlights of the Dairy 2007 Survey: Focus on Calves and Heifers." Penn State College of Agricultural Sciences, Dept. of Dairy and Animal Science.
5. Frances C. Flower and Daniel M. Weary, "Effects of Early Separation on the Dairy Cow and Calf: 2. Separation at 1 Day and 2 Weeks After Birth." *Applied Animal Behaviour Science*, 70 (2001): 275-284.
6. Weise, "Illegal hormones found in veal calves." *USA Today* (28 March 2004).
7. Wallace (2004), "Market cows: a potential profit center." University of Illinois at Urbana-Champaign.
8. "Nitrogen Use Efficiency by the Dairy Cow." Institute of Grassland and Environmental Research.
9. Hedges, "Use of spent dairy cows in beef production raises questions." *The Chicago Tribune* (2 March 2008).
10. "Economic Opportunities for Dairy Cow Culling Management Options." Info Sheet/Veterinary Services, USDA Animal and Plant Health Inspection Service (May 1996).
11. Karpf "Dairy Monsters, Part two" *The Guardian* (13 December 2003).
12. http://www.eatright.org/cps/rde/xchg/ada/hs.xsl/media_22003_ENU_HTML.htm
13. Ver, em geral, Francione. *Introduction to Animal Rights*, Chapter 1. Philadelphia: Temple University Press, 2000.
14. Ver Francione. *Animals, Property, and the Law*. Philadelphia: Temple University Press, 1995; e Francione. *Rain without Thunder*. Philadelphia: Temple University Press, 1996.
15. http://www.fsis.usda.gov/PDF/LSIT_HumaneHandling.pdf
16. http://www.fsis.usda.gov/PDF/LSIT_HumaneHandling.pdf
17. O "rebanho" coberto pela Lei—vacas, porcos e ovelhas—compreende apenas uma fração do total de animais abatidos para comida todos os anos, quase 12.626.700. O número exato de mortes de animais marinhos não está disponível, já que eles são contados por peso, mas estima-se que seja aproximadamente 10 bilhões, sem incluir aqueles que são capturados junto com os pescados mas são descartados. Galinhas, patos e perus totalizam mais de 9.4 bilhões, segundo as estatísticas do USDA. Os coelhos constituem pelo menos 1.9 a 2.3 milhões.
18. <http://uscode.house.gov/download/pls/07C48.txt>
19. Smith, "Hen housing systems compared." *Feedstuffs FoodLink* (8 October 2007).
20. Oberholtzer, Greene, Lopez, "Organic Poultry and Eggs Capture High Price Premiums and Growing Share of Specialty Market." *Economic Research Service/USDA LDP-M-150-01*, at p. 7
21. Duncan (2001), "The pros and cons of cages." *World's Poultry Science Journal*, 57, pp 381-390 doi:10.1079/WPS20010027.
22. Botheras, Hemsworth, Coleman, Barnett, "Animal Welfare as Related to Egg Production Systems: Cage and Non-Cage/Alternative Systems (Barns, Aviaries, Free-Range)." Ohio State University Dept. of Animal Sciences.
23. Severson, "Suddenly, the Hunt Is On for Cage-Free Eggs." *The New York Times* (12 August 2007).
24. Hirsch (2003), "Legal Protections of the Domestic Chicken in the United States and Europe." *Animal Legal and Historical Center, Michigan State University--Detroit College of Law*.
25. Severson, op. cit.
26. U.S. Department of Agriculture National Agricultural Statistics Service. 2006. *Chickens and eggs: 2005 summary*.
27. Rollin, *Farm Animal Welfare: Social, Bioethical, and Research Issues* (Ames: Iowa State Press, 1995), p. 135.
28. Henry, "The squawk over Ohio's eggs," *Cleveland Plain Dealer* (1 June 2003).
29. <http://www.anima.org.ar/libertacao/abordagens/os-quatro-problemas.html>